

**Dr. Francisco Jose Mendes  
Vasconcelos**



Centro Universitário Católica de  
Quixadá, UNICATÓLICA, Brasil  
[prof.vasco@unicatolicaquixada.edu  
.br](mailto:prof.vasco@unicatolicaquixada.edu.br)



10.25190/rec.v11i2.158

---

## **“MODELO HUMBOLDT” – UM MÉTODO FORMADOR DE PESQUISADORES**

Nesta honrosa tarefa de apresentar esta edição da Revista Expressão Católica, decido por falar de um novo método de formação de pesquisador que inova a Pesquisa Científica moderna.

Até o século passado, a pesquisa, por vezes, era confundida com o pesquisador (cientista individual), o que, na atualidade, não pode (deve) ser entendida assim. A pesquisa tem vida própria, ela nasce, cresce e se desenvolve por via de vários métodos e instrumentos; dos quais, o Pesquisador é um desses instrumentos. Isso não diminui o papel do pesquisador. Ao contrário, dignifica-o. Hoje, existe um modelo de formação de pesquisador é denominado “Modelo Humboldt” aplicado por várias universidades que treinam cientistas e conduzem pesquisas fundamentais.

Tal método formador prima pela liberdade de pesquisa, provocando de forma constitutiva a ciência para gerar novos tipos de conhecimento, que por sua vez trazem consigo inovações sociais e econômicas. Em assim sendo, o desenvolvimento atual vai além das formas anteriores de pesquisa. A pesquisa está se tornando cada vez mais diferenciada, em rede, orientada para equipes e em cooperação internacional. Na globalização, as universidades não estão mais apenas em um contexto regional ou nacional, elas também estão em uma competição global de conhecimento, que é impulsionado principalmente pela digitalização e aumento da mobilidade.

Uma orientação temática para grandes desafios como consumo de recursos, segurança alimentar, mudanças climáticas e relações sociais torna-se cada vez mais urgente à medida que a população mundial cresce, e as soluções exigem maior internacionalidade, interdisciplinaridade e aplicação de novos métodos.

A liberdade de pesquisa e a “**orientação para a missão**” são abordagens legítimas e complementares para a política de pesquisa e para a sociedade do conhecimento como um todo. Isso é genial, pois, nesse novo contexto científico, pesquisa básica e pesquisa aplicada não são mais antípodas ou etapas sequenciais do processo de inovação; em vez disso, elas idealmente trabalham juntas desde o início e se estimulam mutuamente em suas perguntas.

Num artigo científico, de uma universidade na Áustria, *Vienna Biocenter Campus*, esse tipo de método (abordagens treinadas) já estão sendo implementadas em muitos casos, por exemplo, onde ocorre a pesquisa básica no campo das ciências da vida, ao mesmo tempo, numa empresa, ocorre uma pesquisa aplicada no desenvolvimento de novos medicamentos utilizando os dados colhidos na pesquisa básica, numa verdadeira “ida e volta” de experiências teórico-práticas. Quer dizer, as próprias universidades definem as áreas nas quais seus esforços de pesquisa devem ocorrer e, ao mesmo tempo, buscam por acordos de desempenho. Em dados científicos, a União Europeia apresenta um nível de 40 por cento dos fundos do maior programa de financiamento à investigação em todo o planeta e são dedicados a prioridades temáticas; além disso, a pesquisa de tema aberto está sendo fortalecida com o Conselho Europeu de Pesquisa.

Bem, é um exemplo a ser seguidos por nossas IES's e demais instituições de pesquisa não universitárias, pois se assim fizermos, geraremos conhecimento sobre uma ampla gama de tópicos todos os dias. Ao mesmo tempo em que, todo esse conhecimento se fará base das novas tecnologias e, portanto, a evidência de uma transferência de conhecimento e tecnologia que impulsiona o progresso na economia e na sociedade – é um retrato da dialética de Hegel – numa discussão entre tese e antítese, nasce uma síntese; que, concomitantemente, já nasce uma antissíntese, e assim por diante.

Meus grandes agradecimentos ao Conselho Editorial desta renomada Revista Científica, cujo trabalho e comprometimento representam uma contribuição significativa para o desenvolvimento do ensino superior e do cenário de pesquisa no Quixadá, no Ceará, no Brasil.